

INTRODUÇÃO AO DOSSIÊ TEMÁTICO

Formação de leitoras e leitores: As contribuições da escola

Falar em leitura no contexto escolar não é como pisar em terra firme, talvez esteja mais para um terreno movediço. Estudantes e professoras(es) envolvidas(os) nesse processo constroem-se mutuamente em redes de afetos e resistências, em que sucessos e fracassos podem ser, ambos, encarados apenas como processos ocorridos em quatro paredes repletas de carteiras escolares.

Quando se pensa na materialidade da escola como aquele espaço feito de livros, cadernos e lápis cuja proposta central é ajudar pessoas a conhecerem o mundo, também não podemos esquecer que este mesmo ambiente pode servir para enclausurar as pessoas, naqueles sentidos trazidos por Michel Foucault em *Vigiar e Punir*, em que ao invés de se impulsionar os saltos, reprime-se o movimento, no fechamento das portas, janelas e portões que poderiam nos possibilitar ver.

A escola, esse espaço simbolicamente múltiplo, serve a razões múltiplas, sendo lugar de grandezas e pequenezas. Nisso faz lembrar aquele quadro *Os operários de Tarsila do Amaral*, em que o trabalho, que pode nos ser um manancial da vida, é representado como aquilo que nos oprime, massifica. Contudo, o conjunto formado por aqueles rostos lânguidos que a artista modernista pinta nos remete a alguma esperança, talvez de que juntos, na troca e no encontro, pudéssemos transformar a fábrica que fumega em um lugar que concede vida, bonança. Aqui, o que nos move é a visão utópica que Fernando Birri conceitua:

A utopia está lá no horizonte. Me aproximo dois passos, ela se afasta dois passos. Caminho dez passos e o horizonte corre dez

passos. Por mais que eu caminhe, jamais alcançarei. Para que serve a utopia? Serve para isto: para que eu não deixe de caminhar.

Esse mesmo sentido é o construído pelas entrevistas, artigos e relatos que compõem este dossiê: nunca deixar de caminhar para onde se quer chegar. No caso, a plena leitura das letras, palavras, orações, da vida, chegando-se até ao limite de não querer ler, de ler do seu jeito, à revelia. Esses estudos mostram que, entre afetos, estratégias e resistências, professoras e professores trabalham no intuito de formar leitoras e leitores capazes até mesmo de questionar o modo de ler que está sendo ensinado.

Este dossiê se inicia com quatro entrevistas, tendo como interlocutora a professora doutora Bruna Paiva de Lucena, integrante do Programa Mulheres Inspiradoras: política pública de leitura de obras escritas por mulheres e valorização de processos autorais na rede pública de ensino do DF e do Grupo de Estudos em Literatura Brasileira Contemporânea da Universidade de Brasília (GELBC/UnB).

A primeira entrevista traz Maria Luiza Monteiro Sales Coroa, professora de linguística na Universidade de Brasília desde 1994. Com uma vida dedicada ao estudo da interface língua e educação, ela nos apresenta sua perspectiva engajada sobre a formação de leitoras e leitores. A professora é graduada em Filosofia, Ciências e Letras, e em Letras Português na Universidade Estadual de Londrina, mestre em Linguística pela Universidade de Brasília, doutora na mesma área pela Universidade Estadual de Campinas, e pós-doutora pela Universidade de Lisboa e pela Universidade Estadual de Campinas.

Atualmente volta-se ao estudo de temas como discurso, língua portuguesa, práticas pedagógicas, texto e educação, tendo entre outras publicações o livro *O tempo dos verbos no português*.

A segunda entrevista, feita com a professora de teoria da literatura na Universidade de Brasília, Patrícia Trindade Nakagome, traz uma visão inovadora a respeito das concepções em torno da leitura. Ela é mestre e doutora em Teoria Literária e Literatura Comparada pela Universidade de São Paulo, com a tese *A vida e a vida do leitor: um conceito formado no espelho*. No doutorado, realizou período sanduíche na Freie Universität Berlin, atuando como professora universitária em instituições públicas da Nicarágua e Timor-Leste. Hoje pesquisa principalmente as diferentes práticas de leitura, o leitor empírico, a relação entre literatura e educação e o papel da crítica literária na contemporaneidade.

A terceira entrevista apresenta Cristiane Sobral, escritora, atriz e professora carioca radicada em Brasília, que ainda no Rio de Janeiro estudou teatro no SESC e foi a primeira atriz negra graduada em Interpretação Teatral pela Universidade de Brasília. Ela evidencia a centralidade da escola, mais especificadamente da biblioteca escolar, na trajetória de leitura de alunas e alunos. Mestre em Artes pela Universidade de Brasília, com pesquisa sobre as estéticas nos teatros negros brasileiros, atuou em diversas peças audiovisuais e teatrais. Integrante do Sindicato dos Escritores do DF, estreou na literatura em 2000, com a publicação de textos nos *Cadernos Negros*. Hoje tem uma obra consolidada no cenário literário com os livros *Não vou mais lavar os pratos*; *Espelhos*, *miradouros*, *dialéticas da*

percepção; Só por hoje vou deixar meu cabelo em paz; O tapete voador; Olhos de Azeviche (coletânea) e Terra Negra.

Por fim, temos a entrevista com Eliane Potiguara, escritora, poeta, ativista, professora, contadora de histórias e empreendedora social. Aqui ela apresenta de forma emocionante sua trajetória como leitora, nos apresentando com uma perspectiva singular de mulher indígena. Formada em Letras e Educação, foi nomeada Embaixadora Universal Da Paz em Genebra e participou da elaboração da Declaração Universal Dos Povos Indígenas (ONU), sendo também fundadora da Rede Grumin de Mulheres Indígenas. Uma das 52 brasileiras indicadas para o projeto internacional Mil Mulheres para o Prêmio Nobel da Paz, é autora de O pássaro encantado, A cura da terra, O coco que guardava a noite e Metade cara, metade máscara.

Em seguida, temos a seção de artigos. O primeiro artigo **Leituras insubmissas: des(retratos) e pluralização epistêmica a partir do reconhecimento da leitura no cotidiano da escola**, de Cristiane de Assis Portela e Ana Claudia Souza Dias, busca problematizar metodologias de formação de leitores, argumentando que o reconhecimento da leitura que associa escrita e oralidade é parte importante do processo de ensino-aprendizagem na escola. Para fins de análise, foram tomadas como mote a Pesquisa Retratos da Leitura no Brasil (divulgada no ano de 2016) e relatos da experiência vivenciada por uma das autoras em sua prática docente em escola pública do Distrito Federal. Confrontando concepções epistemológicas, foi estabelecida uma interlocução com alguns teóricos críticos

como Daniel Pennac, Murizzio Gnerre, bell hooks e Glória Anzáldua. No trabalho, por fim, argumenta-se em defesa da necessidade inquestionável da leitura em que se resguarde, tanto entre professores quanto para estudantes, o direito à insubmissão, como parte dos direitos dos leitores.

O segundo artigo **Alunos com Resistência Leitora: um impasse para a formação de leitores nas escolas**, de Fernanda Maria Furst Signori, mostra que na sociedade contemporânea a linguagem escrita torna-se elemento indispensável à inserção social do indivíduo, discutindo a importância do ensino do uso social da língua escrita diante os diversos modos de leitura; por meio de um projeto baseado no estudo de caso de uma criança de nove anos de idade do sexo masculino, aluno regular de uma escola localizada na Região Administrativa V de Brasília. O objetivo foi demonstrar à criança que é possível ler de maneira lúdica, a ponto de desenvolver o gosto pela leitura; assim como treinar a habilidade, melhorando a fluência, a criatividade, a curiosidade e o ato de imaginar, interagindo com o texto. Para o projeto foram utilizados: textos poéticos de Vinícius de Moraes, gravador, máquina fotográfica e material de papeleria para a realização das atividades práticas relacionadas à leitura.

O terceiro artigo, **Como conquistar crianças e jovens para a leitura em tempos de não-leitores**, de Simão de Miranda, discute como se formam os leitores em um cenário de não-leitores, e como é possível atuar efetivamente para incentivar esse público para o universo da leitura. Para isso, são propostas ações interventivas em duas

vertentes: na qualificação dos processos de alfabetização, letramentos e multiletramentos das crianças e jovens, assim como na produção de projetos criativos e lúdicos de leitura e de produção de textos de caráter interdisciplinar incorporado ao Projeto Político-Pedagógico da escola e que envolva todos os setores da escola. Conclui-se que somente através desse incentivo à leitura será possível a construção de um país mais letrado, mais cidadão e mais humano, e tornar nossas crianças e jovens protagonistas críticos, ativos, reflexivos e intencionais nos processos de emancipação e inclusão sociais.

O quarto artigo **Por uma educação linguística crítica e engajada: a leitura e a escrita em relatos de prática docente**, de Valéria Gomes Borges Vieira, focalizou relatos orais de prática docente produzidos em um contexto situado de formação continuada, a fim de analisar o modo como as atividades de leitura e escrita propostas no contexto formativo são inseridas nas práticas escolares e percebidas e negociadas pelos diferentes atores sociais envolvidos. A base teórica do estudo é a Análise de Discurso Crítica, em diálogo com as teorias da Pedagogia Crítica. Os relatos orais que se constituem como corpus desta investigação foram produzidos ao final do Curso Projeto Mulheres Inspiradoras: educação para a transformação social. A abordagem metodológica está situada na tradição da pesquisa qualitativa interpretativista, aliada à etnografia crítica. Os resultados evidenciam que a proposta de trabalho, baseada nos pressupostos teórico-metodológicos do Projeto Mulheres Inspiradoras,

assegura espaços legítimos para a existência de práticas de ensino da leitura e da escrita direcionadas à criticidade e à autoria no contexto escolar.

O quinto artigo **Experiência leitora e escrita criativa: relatos da prática docente do projeto Mulheres Inspiradoras**, de Anelise Tonel Barcelos e Gleiser Mateus Ferreira Valério fala sobre o projeto Mulheres Inspiradoras, que foi idealizado e desenvolvido pela professora Gina Vieira Ponte em 2012 no CEF 12 de Ceilândia e, posteriormente, ampliado para 15 escolas do Distrito Federal, da qual se destaca o CEF 31, local de realização das pesquisas que compõem o presente artigo. O objetivo central é analisar a importância do uso de projetos de leitura para promoção de uma educação transformadora e emancipadora, na qual o estudante assuma a posição de protagonista no que tange à cidadania e à compreensão de temáticas problema na sociedade – em especial a situação da mulher, a violência, o machismo e a misoginia. Para tal, foram realizadas atividades durante o ano de 2017, em turmas de nonos anos, que foram descritas por meio de um relato de prática docente, tendo como cerne questões relativas ao texto literário, à leitura e à escrita criativa como forma das alunas e dos alunos questionarem a si e a seu estar no mundo, frutos obtidos a partir do projeto Mulheres Inspiradoras, de sua formação docente e do material oferecido para sua realização.

Em seguida, temos a seção de relatos de experiência. O primeiro relato, **Letras e Números na Gestão Escolar**, de Rosevaldo Pessoa-Queiroz e Vitória Régia de Oliveira Pires, aborda a experiência de um projeto concebido, elaborado e executado de modo coletivo e participativo, tendo como objetivo central a conscientização do valor da leitura e da produção textual. Para que o objetivo fosse alcançado, todos os profissionais e parceiros que atuavam na escola, os estudantes e seus responsáveis foram envolvidos. Os números produzidos pela escola no que tange à aprovação, retenção e evasão, bem como as notas do IDEB foram amplamente discutidos durante as coordenações coletivas, que se tornaram espaços de efetiva formação para os professores. Em síntese, as ações foram: (1) identificação das necessidades de aprendizagens com base nos resultados da escola e do IDEB; (2) sensibilização da comunidade escolar; (3) campanha para aquisição de livros; (4) organização das caixas de livros; (5) leitura em sala de aula; (6) elaboração de avaliações multidisciplinares; (7) Organização do dia D da escrita; (8) questionário de avaliação. Houve um aumento do IDEB da escola acima do que vinha sendo observado, o que sugere o benefício da integração da leitura e da escrita autoral à rotina escolar.

O segundo relato, **Projeto Mulheres Inspiradoras: Literatura como exercício de liberdade: Uma experiência em uma escola pública de ensino médio**, de Dilvanice S. de Carvalho Andrade, Luana Viana Lima e Denise Fetter Mold, mostra a aplicação do Projeto Mulheres Inspiradoras em uma Escola Pública de Ensino Médio de uma Região Administrativa do Distrito Federal. Sob a perspectiva da Pedagogia de Projetos, as atividades do programa foram aplicadas em sala de aula presencial, como aprofundamento das leituras de obras de autoria

feminina, das discussões e dos trabalhos propostos, também por meio do software Classroom como estratégia de inclusão digital e apropriação das novas tecnologias em sala de aula, no Ambiente Virtual de Aprendizagem – AVA, para alunos do primeiro ano do Ensino Médio, nas disciplinas Português e Parte Diversificada – PD.

O terceiro relato, **Eixos transversais e Ensino: o projeto Mulheres Inspiradoras e o poder transformador da Educação**, de Gina Vieira Ponte de Albuquerque, apresenta a proposta do projeto Mulheres Inspiradoras, uma iniciativa desenvolvida em uma escola pública de ensino fundamental do DF. A partir da perspectiva da educação para os Direitos Humanos, o projeto se orientou pela proposta didático-metodológica da Pedagogia de Projetos. A iniciativa teve como alguns dos seus princípios orientadores: a promoção da valorização da mulher, o estímulo ao protagonismo do estudante, a concepção do professor como intelectual transformador e autor da própria prática, o fomento à leitura de obras produzidas por mulheres e o trabalho com a escrita e a reescrita.

O último relato, **Uma experiência de mecenato em biblioteca escolar no Distrito Federal**, de Luciana Pontes Roscoe, demonstra que a parceria com o mecenato empresarial na área de educação estabelece de forma positiva o diálogo da escola com comunidade, a fim de dotar a biblioteca escolar de infraestrutura material e de recursos humanos capaz de transformá-la em espaço de afirmação de identidade e em rico laboratório de aprendizagem, rompendo muros escolares e articulando políticas públicas de diferentes campos como forma de qualificar a educação.

O conjunto de reflexões trazidas neste Caderno nos presentifica a importância da leitura, da qual ninguém pode duvidar. Abridora de caminhos até para quem nem sabe ler, mas já lê. Em seu Diário de Bitita, Carolina Maria de Jesus narra um caso que acontecera com ela, e que mostra que a leitura é anterior à própria leitura. Vejamos:

— Você já sabe ler?

— Não senhora.

— Puxa, quando souber então! Você promete, menina.

Diziam que foram as palavras de Rui Barbosa, que mencionei, que fizeram o juiz retroceder. Que eu falava por intermédio de um espírito. É que eu ouvia o senhor Nogueira ler O Estado de São Paulo. (Jesus, Carolina Maria de. Diário de Bitita. p. 29.)

Aqui ela lê pela leitura do outro. Da palavra lida, transformada em voz no ar, ela escuta e lê com os ouvidos. A leitura, nesse caso, é feita antes de a escola ter feito seu papel de ensinar a ler. Assim, sendo a leitura um processo cujos primórdios não se pode precisar, o entendimento do mundo e da vida - dentro ou fora da escola - parece ser a coisa mais importante. Que a escola funcione, aqui e agora - quem sabe em qualquer lugar e sempre -, nesse sentido, como um espaço que possibilite encontros, sejam de palavras em sons ou em letras em papel, ou em furos em papel - não se pode esquecer do braille - ou, ainda, em sinais - lembrando das LIBRAS - para que leituras de tudo, com todos e para todos existam. ■

Bruna Paiva de Lucena